

**“Civilidade sertaneja”: os discursos de modernidade em a pilhéria e no jornal o pharol (1921-1923)**

*Maria do Socorro Fonseca de Oliveira\**<sup>1</sup>

Neste trabalho objetivo pensar os conceitos de modernidade discursados em Petrolina e no Recife, pelo jornal *O Pharol* e pela revista *A Pilhéria*, no início da década de 1920. Nessa época, as cidades brasileiras passavam pela chamada “modernização” e a imprensa foi usada muitas vezes para criticar a corrupção da tradição vivida pelo litoral ou o atraso do sertão, por não acompanhar o ritmo do crescimento ditado pela Europa.

A distância em relação à capital ou ao litoral significava um distanciamento no moderno, do novo, da civilização. O que não se assemelha ao centro é retrógrado, é rural, e o ruralismo do sertão pernambucano mancha a beleza da mauriceia.

O sertão aparece como o lugar aonde a nacionalidade se esconde livre das influências estrangeiras; o sertão mais como espaço substancial, emocional, do que um recorte territorial preciso” (ALBUQUERQUE. 2011, p.67). no que concerne à Pernambuco, sertão e cidade aparecem respectivamente sendo tradição e modernidade. Recife torna-se a porta de entrada de tudo que é novidade na época.

[...] Recife tem cinemas, teatros, automóveis, aviões, radio-phones, cafés, casas de chá, almofadinhas, melindrosas [...] *Nouveaux riches* [...] Recife é uma cidade civilizada! Os que em Recife vivem a conquistar [...] o pão -de - cada- dia, estes ficam para um lado, caminham á margem.

(A PILHÉRIA. N. 181. Recife, 14 mar. 1925)

Foi justamente a imprensa um dos principais difusores desses discursos de dualidade, que promovia uma “região” em detrimento da outra. *A Pilhéria* foi uma revista de humor, semanal e que obtinha grande sucesso entre as classes abastadas do Recife no século XX. Nela é possível encontrar em abundância os estereótipos do sertanejo nostálgico, do caipira na cidade, do sertão edênico; da cidade hipócrita, efervescente, da cidade fútil dos almofadinhas e das melindrosas; principalmente na seção *O qui nós vê na capitá*, uma carta semanal endereçada à um habitante do interior e assinada por um casal interiorano recém chegados à capital. Nessa “carta” rimada

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade de Pernambuco - Campus III; bolsista de iniciação científica com o projeto *A Relação Sertão – Cidade em Jornais e Revistas*, sob orientação do Prof<sup>o</sup> Ms. Harley Moreira, com financiamento PFA-UPE (2012). E-mail: [oliveirasocorro16@yahoo.com.br](mailto:oliveirasocorro16@yahoo.com.br).

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

pode-se encontrar todos os acontecimentos da semana e notar a constante presença do conceito de região, disseminado pelas emergentes relações políticas que buscavam se afirmar enquanto verdade.

Entra em cena a idéia de cidade repleta das frivolidades importadas da Europa, com seus habitantes hipócritas e superficiais.

Agora vou li contá  
Outra nova novidade  
Qui está agora aparecendo  
Pru qui pur essa cidade:  
É o ta de futurismo  
Qui ta vindo de verdade  
Os moço junto cas moça,  
Vão ao cinema sozinho  
Passeiam nos otomove

Cuma dois lindo pombinho:  
É futurismo sonsinho.  
Meu cumpade Liá  
Vorte dessa cidade  
Pra ocê não si perdê  
Nesse antro de mardade  
Ondi existi armofadinha  
Ondi tudo é vaidade  
Ondi se mata e se diz  
- Isto foi casualidade.

(A PILHÉRIA. Recife: n. 91, 23 jun.1923)

Esses olhares contrapõem-se à ideia edênica do sertão, lugar de origem, berço natural. O “discurso do sertanejo” aparecesse n’A *Pilhéria*, ora maravilhado com as grandezas da cidade, ora nostalgicamente ao recordar-se do torrão natal; e principalmente referindo-se à metrópole como um local indecente, inapropriado. Essa imagem negativa que fazemos do outro vem sendo construída historicamente e junto com ela, um Brasil excludente, pois o que se observa não são vítimas, quer sejam do interior ou da cidade. No que concerne ao sertão há ainda o fator da seca que foi tomado como uma espécie de “discurso oficial” a quem atribuíam a causa de seus problemas e tornava necessária a intervenção das demais regiões em seu favor. A seca associada à religiosidade fervorosa e ao banditismo do cangaço serviu para afirmar o sertão enquanto local de rusticidade e fanatismo. O próprio sertanejo acabou “aceitando” essa posição que lhe foi imposta pelo advento da região.

Segundo Foucault (2009, p.17), “tudo em nossa sociedade busca legitimar-se por um discurso de verdade”. O que se vê, portanto, é a apropriação do discurso, são idéias que foram introjetadas a ponto de se tornarem verdades absolutas na mentalidade dos indivíduos assim como da coletividade e que, no entanto, devem ser desconstruídas, reinventadas. Quando aparece essa idéia de sertão? Para Marilena Chauí (2001, p.42):

Essa longa construção do sertão mítico [...] começa nos autos de Anchieta, passa pelo determinismo de Euclides, aloja-se na ideologia integralista da mentalidade sertaneja e na getulista das entradas e bandeiras, encontra sua culminância em *Grande Sertão: Veredas*, que retoma o sentido jesuíta inicial do embate entre duas forças cósmicas.

O que se vê é que, nos discursos sobre o sertão formulados nessa época, é que os construtores dessas idéias de sertão, muitas das vezes não o conheciam enquanto território, mas apenas de ouvir falar e reproduziram o que supunham ser o que geograficamente se

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

chama, hoje, de semi-árido. Sabia-se apenas que este sertão estava salvaguardando as memórias e a essência de uma país cada dia mais corrompido pela modernidade avassaladora que alastrava-se pelo país; sabia-se também que este passado “suspenso no ar” era melhor do que o tempo que estavam vivenciando, um passado de honras e glórias diversas que deveria ser mantido ou trazido de volta. No entanto, o que se vê no Jornal O Pharol, publicado em Petrolina, também na década de 1920, é muito diferente do sertão d’A Pilhéria.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Não existe um sertão apenas, aquele da casa grande, do vaqueiro trajado de couro, do mandacaru e da água escassa. Os sertões são múltiplos, e diversos os sertanejos. O Pharol nos dirá que o sertanejo, petrolinense, quer viver numa cidade de ruas amplas, de casas altas e bonitas, com jardins europeus... E chega a acusar a imprensa recifense, pelas publicações negativas que sujam a imagem de Petrolina.

Observando os textos assinados por Filorenço e Frutunata, vemos que não é o discurso do sertanejo que está presente, é o discurso do cidadão metropolitano, que vendo as transformações aceleradas em sua cidade, debruça-se a criticá-la e a desejar “que esse tá de futurismo não chegue no sertão” Ora, o espaço sertão é agora o responsável pela memória e a tradição nacional. Não é, neste caso específico, o discurso que inferioriza o sertanejo... É mais um louvor bem humorado àquele sujeito que se nega a aceitar as transformações em seu torrão natal. Filorenço goza de todas as frivolidades ofertadas pela modernidade na cidade do Recife, ora satisfeito, ora assustado com determinados padrões. No entanto, ele faz questão de ressaltar ao compadre sertanejo sua esperança de que tais coisas nunca cheguem ao sertão. Um sertão pensado e discutido por quem não o conhece corre o risco de ser apenas o sertão contraponto da capital, do litoral. Por outro lado, o sertão de quem se diz sertanejo está susceptível de portar um ingênuo discurso de superação, ainda que tente fugir ao máximo dessa armadilha. Portanto, se não há um sertão apenas, o que podemos fazer é analisar o que propiciou dizer isto e não aquilo sobre o sertão de dada época. E no início do século XX o discurso metropolitano o contrapunha à cidade taranteleante. O jornal O Pharol nos apresenta um sertão que quer se assemelhar a cidade e acompanhar seus padrões, para se diferenciar cada vez mais do seu próprio conceito de sertão.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil** : mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo, Fundação. 2000.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo. 19 ed. Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

INFORMAL, Dicionário Virtual. Disponível em: <

<http://www.dicionarioinformal.com.br/melindroso/>> Acesso em 24/11/2012.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: A questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

### Artigos

COUCEIRO, Sylvia Costa. **Cenas urbanas: conflitos, resistências e conciliações no processo de modernização da cidade do Recife/Brasil nos anos 1920**. Em *Historia Social*

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

*Urbana*. Espacios y flujos, Ed. Eduardo Kingman Garcés, 139-153, Quito: Colección 50 años FLACSO.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. Nação e Região: os discursos fundadores. In: **Ciclo de conferências Brasil 500 anos**. 4.ed. Rio de Janeiro: FUNARTE. 2000.

MEDEIROS, H. A.V. **Melindrosas e Almofadinhas**: relações de gênero no Recife dos anos 1920. In: Tempo e Argumento. Florianópolis, v.2, n.2, p. 93-120, jul./dez. 2010.

## FONTE

**A Pihéria**, 1921-1923. Disponível em < <http://www.fundaj.gov.br/>>

O Pharol, 1921-1923. Organizado pela Profª Ms. Ana Clara Farias e disponibilizado pelo Núcleo de Estudos do Sertão da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina.